

CULTO AO MENINO ZEZINHO NO CEMITÉRIO DA SOLEDADE EM BELEM EM MEIO AS MODIFICAÇÕES DO ESPAÇO SANTO

Jonathan Aberto dos Reis Pantoja Leão¹

João Simões Cardoso Filho²

RESUMO

O presente artigo objetiva evidenciar um aspecto específico da prática conhecida na região Amazônica como 'Culto das Almas', presente em cemitérios da cidade de Belém, principalmente nos cemitérios de matriz oitocentista Nossa Senhora da Soledade e de Santa Izabel, construídos originalmente em áreas afastadas do centro e que foram absorvidas e incorporadas com a expansão urbana, ocupando as áreas do bairro de Batista Campos – área nobre – e Guamá – um dos bairros mais populosos da cidade. Partindo da perspectiva da observação flutuante de Péttonet (2008), foi realizado um percurso etnográfico focado no desdobramento desse culto às almas que constitui a relação destes devotos com o Menino Zezinho no cemitério da Soledade, os aspectos principais da relação deste 'santo popular' com seus devotos, identificar as graças concedidas e a natureza dos milagres atribuídos a ele, assim como as circunstâncias de sua 'santificação' e a manutenção, ou não, de sua tradição, com possibilidade de desaparecimento desse culto mediante os múltiplos processos de musealização e outros tipos de consumo deste campo santo e demais modificações possíveis no ambiente urbano de Belém, que transformou o campo santo em um espaço turístico incorporado ao centro da cidade, ficando o mesmo como uma importante demarcação histórica do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitérios. Culto das almas. Devoção. Santos Milagreiros. Antropologia da e na Cidade.

ABSTRACT

This article aims to highlight a specific aspect of the practice known in the Amazon region as the 'Cult of Souls', present in cemeteries in the city of Belém, mainly in the nineteenth-century cemeteries Nossa Senhora da Soledade and Santa Izabel, originally built in areas far from the center and which were absorbed and incorporated with the urban expansion, occupying the areas of the Batista Campos neighborhood – an upscale area – and Guamá – one of the most populated neighborhoods in the city. Starting from the perspective of Péttonet's (2008) floating observation, an ethnographic journey was carried out focused on the unfolding of this cult of souls that constitutes the relationship of these devotees with Menino Zezinho in the Soledade cemetery, the main aspects of the relationship of this 'popular saint' with his devotees, identifying the graces granted and the nature of the miracles attributed to him, as well as the circumstances of his 'sanctification' and the maintenance, or not, of his tradition, with the possibility of the disappearance of this cult through the multiple processes of musealization and other types of consumption of this holy field and other possible modifications in the urban environment of Belém, which transformed the holy field into a tourist space incorporated into the city center, becoming an important historical demarcation of the place.

KEYWORDS: Cemeteries. Cult of souls. Devotion. Miracle-working saints. Anthropology of and in the City.

¹ Aluno do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Brasil

² Antropólogo. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Brasil (2015) – Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Pará, Brasil. Orientador deste artigo.

1 INTRODUÇÃO

“[...] - E depois que morre?, perguntou Visconde. - Depois que morre vira hipótese. É ou não é?”³

A morte é um aspecto universal para todos os seres que viveram e/ou viverão em nosso planeta. Entretanto, com o advento da humanidade, e posteriormente sua capacidade de abstrair o mundo em que se vive, este fenômeno natural recebeu conotações complexas e reflexivas, além de inúmeras interpretações e vivências possíveis, dada a diversidade cultural e os processos históricos e socioantropológicos que ocorreram e ocorrem nas dinâmicas sociais da existência humana.

Lidar com os seus mortos é algo com o qual a humanidade produziu e reproduziu e/ou produz e reproduz comportamentos e atribuem ao fenômeno de morrer e aos não-vivos vários significados.

Como parte dessa percepção, tive minhas próprias ‘experiências’ com a morte. Tais experiências – de cunho pessoal, ocorreram em visitas ao jazigo de minha família paterna no cemitério de Santa Izabel e durante o processo de sepultamento do avô de um amigo próximo, posteriormente o de minha avó materna e meu sogro. Diante de todas estas importantes e impactantes experiências, pude refletir sobre a minha própria mortalidade e o quanto esta se tornou real para mim na fase adulta.

Meus processos de luto anteriores, na infância e na adolescência, apesar de doloridos, me mantiveram a morte como alheia, algo que ‘só acontece com os outros’. Este temor da morte e uma vontade insaciável e frustrada de superá-la carnalmente, despertou-me verdadeiramente o interesse em investigar os significados que são atribuídos aos que não vivem mais.

Anteriormente aos processos acima referidos e antes de ingressar na Universidade Federal do Pará – UFPA, estudei no Instituto Estadual de Educação do Pará – IEEP localizado na Rua Gama Abreu (Centro de Belém) e, todos os dias, passava próximo ao Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, que fica na Av. Serzedelo Corrêa. Lá eu percebia algo muito evidente nos cemitérios históricos de Belém e que apresentam

³ Trecho de *A vida é um pisca-pisca* presente em: Memórias de Emília, por M. Lobato. (1936) Versão disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/fabulas/5125501>

elementos típicos da *belle époque*: suas grandes construções arquitetônicas em forma de anjos, santos católicos, crucifixos e outras influências neogóticas, que apontavam que os ali enterrados tinham um significativo poder aquisitivo e reproduziam nas suas lápides e túmulos a influência artística e cultural da época.

Para além da historicidade da arte presente ali, outros elementos, tais quais: a localização destas ‘cidades’ cemiteriais⁴, a manutenção do espaço e conseqüentemente da memória dessas pessoas que foram sepultadas ali, proporciona sociologicamente, a leitura possível de divisão de classes, quebrando o entendimento que na morte todos são iguais, que os cemitérios horizontais buscaram assumir posteriormente carregando suas próprias contradições, ao compreendermos que o acesso a estes cemitérios particulares surge de um poder aquisitivo da família do desencarnado.

Ainda que de modo embrionário, ao caminhar nas redondezas do cemitério, pude observar seus aspectos estéticos. Como admirador de arte e artista, sempre observei com admiração a riqueza histórica, artística e posteriormente, baseado na observação flutuante de Pétonnet (2008)⁵, a sua riqueza socioantropológica, que me fez ter um olhar diferenciado sobre a importância do cemitério no cenário da cidade, não apenas como um espaço dos mortos, mas também como um espaço que reproduz a vida da cidade sob um outro aspecto, o da mudança constante do espaço urbano.

Cabe aqui definir o percurso inicial deste estudo, a partir das próprias definições de Pétonnet sobre a observação flutuante, pois esta

[...] consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la “flutuar” de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a priori, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (Pétonnet, 2008, p. 102).

⁴ Leão (2016) indica, ao estudar o Cemitério de São Bento, na cidade de Araraquara, que o espaço cemiterial reproduz as relações econômicas e a divisão de classes da região central de São Paulo no formato, tamanho, design e posicionamento das estruturas tumulares de maior poder aquisitivo e de famílias tradicionais da política local, que são mais evidentes em cemitérios de matriz oitocentista como o local estudado e os cemitérios inaugurados em meados do oitocentos, como o escolhido para o campo de estudo.

⁵ Baseado no estudo de Colette Pétonnet (2008) sobre o Cimetière de Père-Lachaise em Paris que, além de sua atividade principal, se tornou um importante centro histórico, artístico e cultural da cidade, elementos estes percebidos durante a sua observação flutuante.

A partir do contato com essa perspectiva de análise e com o objeto em mente, foi desenvolvido um estudo no cemitério de Santa Izabel durante os dias de finados e os resultados obtidos durante a pesquisa de campo de um trabalho apresentados no // *Encontro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens: Alteridades urbanas e suas representações*, ocorrido em 2021⁶ (Leão; Leão, 2021).

Na ocasião, analisaram-se os aspectos estruturais e históricos a partir de pontos de vista sociológicos e antropológicos da referida necrópole durante as visitas anuais ao jazigo de nossa família onde acompanhei meu pai. O interesse, durante as visitas anuais aos meus antepassados, foi se acentuando a partir da observação das vivências presenciadas neste campo santo, desde os rituais de despedida presentes nos velórios e enterros até os processos de veneração dos chamados santos populares, santos de cemitério ou como serão referidos nesse trabalho ‘Santos Milagreiros’.

Após contato com os dados produzidos por meu pai, também pesquisador, no Cemitério de São Bento de Araraquara-SP, percebi que Santos Milagreiros são comuns nos espaços cemiteriais de inspiração oitocentista e que foram sendo alcançados com os avanços da urbanização nas cidades, visto que, tanto na cidade do interior do estado de São Paulo quanto na capital do Pará, estes elementos são comuns, o que nos leva para a análise da mais antiga estrutura cemiterial voltada para o atendimento ao público em geral – neste caso, o cemitério de Nossa Senhora da Soledade – e que evidenciava duas situações próprias de uma cidade amazônica em crescimento e com influências da *art déco* e da *belle époque* provocadas pelo “boom” da borracha: a ampliação do espaço urbano e dos processos de urbanização da cidade de Belém (Leão, 2016).

O Cemitério da nossa senhora da Soledade em Belém, surge como uma resposta sanitária para a epidemia de cólera e febre amarela que acometeu a cidade em meados dos oitocentos e era necessária, também, a criação de uma estrutura que pudesse atender ao crescimento da burguesia da borracha que não era sepultada nas igrejas ou cemitérios clandestinos (Beltrão, 2004; Leão, 2016; Leão; Leão, 2021).

Sobre a inauguração do Cemitério da Soledade, Leão indica que:

⁶ A representatividade social e urbana do cemitério de Santa Izabel em Belém do Pará a partir das visitas no Dia de Finados (Leão; Leão, 2021).

O primeiro cemitério Público de Belém, chamado de Cemitério de Nossa Senhora da Soledade, surgiu em 1850, por conta de uma epidemia da febre amarela que assolou Belém, nas quais as condições de saúde na capital eram precárias, através da Resolução nº. 181, de 9 de dezembro de 1850, feita pelo então governador Jerônimo Francisco Coelho. [...] Esta construção passou a representar uma mudança na mentalidade com relação às práticas cemiteriais anteriormente feitas nas igrejas, adros ou em cemitérios anexados a elas. Esta resolução tornou obrigatório o enterramento no Cemitério Público de todas as pessoas falecidas na cidade de Belém do Pará. Neste cemitério passaram a ser enterrados brancos e negros, homens e mulheres de origens humildes. Com as epidemias de cólera e a Guerra do Paraguai (1865-1870), este passou a abrigar membros das elites da cidade de origem católica, até o seu esgotamento espacial em 1880.[...] A própria necessidade de construção do Soledade havia partido de outras circunstâncias como as Guerras de Independência (1823) e a revolução cabana (Cabanagem) de 1835 a 1840, no qual muitas pessoas perderam a vida e eram enterrados em cerimônias singelas e em locais distantes, geralmente em covas rasas localizadas em lugares distantes da cidade que não obedeciam às regras propostas pelos higienistas de uma cidade que começava a crescer. (Leão, 2016, p. 3-4).

Dentre os mortos que ocuparam as sepulturas do Soledade, para além dos membros de famílias abastadas que ocupam as áreas centrais, com estruturas tumulares pujantes para a época, destacam-se os ilustres que, posteriormente tornar-se-iam os ‘santos’ deste cemitério como o ‘Menino Cícero’⁷, a ‘Preta Domingas’⁸ e o foco deste trabalho, a saber, o ‘Menino Zezinho’.

A ideia inicial seria abordar de modo geral a todos os santos presentes na cidade cemiterial do Soledade, porém, além da amplitude do tema, o que compreendi como inovador é analisar, individualmente, cada um destes Santos para que se haja uma compreensão maior de cada um deles, a escolha pelo menino Zezinho deu-se por critério técnico, devido à sua popularidade atual, se tornando, assim, o ponto inicial de uma investigação maior sobre todos os Santos Milagreiros presentes no Soledade e de como esse culto poderá sobreviver após as ações de reparo e musealização desse espaço, ainda que nesse trabalho Zezinho seja o protagonista.

Neste sentido, a pesquisa agora apresentada consistiu em uma sequência de visitas ao cemitério da Soledade com base no conceito de Pétonnet (2008) desde 2019 até 2024, mesmo com o processo de modernização e transformação em espaço cultural

⁷ Menino Cícero: Filho legítimo de Lindolfo José Burle e de Guilhermina Burle Nascido em 19 de setembro de 1867 e falecido em 27 de abril de 1872. Cultuado pelos devotos das almas, possui oração própria e era uma das almas mais requisitadas. (Monteiro, 2000).

⁸ Mulher escravizada e falecida em 25 de março de 1871. Invocada por todos os aflitos (Monteiro, 2000).

da área em 2023. As visitas eram em especial nas segundas-feiras, durante as quais eram veneradas as treze almas do cemitério e nos dias de finados, nos quais o fluxo de pessoas era significativo e direcionado em especial aos ‘Santos Milagreiros’, principalmente o menino Zezinho, objeto desta análise.

2 O CEMITÉRIO DA NOSSA SENHORA DA SOLEDADE EM BELÉM

O cemitério da Soledade foi o primeiro a entrar em atividade em Belém, atendendo às urgências sanitárias que a cidade de Belém passou durante um surto de cólera e febre amarela (Beltrão, 2004; Leão, 2016; Leão; Leão, 2021). Neste sentido, o cemitério inicialmente serviu para atender a população ‘comum’, uma vez que os espaços nas igrejas eram destinados à burguesia local.

Além disso, o clamor popular por espaços cemeteriais se intensificou pelo aumento do volume de mortos da revolução Cabana, que foram enterrados em lugares distantes ou cemitérios clandestinos⁹. Assim, pessoas das camadas mais populares dividiram espaço com a burguesia tiveram de ser enterradas nessa praça para que houvesse a contenção da doença. É evidente, que os mortos que foram “bem-nascidos” em vida, ocuparam lugares de destaque na necrópole, após seu desencarne, com lápides ornamentadas com arte trazida da Europa, ocupando espaços centrais e acessíveis do Cemitério.

Logo, pode-se inferir acerca da lógica de ‘divisão social’ ou de uma ‘luta de classes’ dentro do cemitério, conforme a perspectiva de Nogueira (2013):

Enquanto nos salões eclesiásticos havia uma clara distinção social com concessões para que nobres personalidades ou membros das irmandades repousassem preferivelmente nas sepulturas mais próximas aos altares, os cemitérios extramuros apresentavam-se como vasto campo livre para que se excedessem as ambições de representação das diferenças. Assim como nas cidades, havia os bons e maus locais para sepultamento nos cemitérios. Os mais

⁹ Cabe ressaltar aqui que, atualmente, o bairro no qual o Cemitério Nossa Senhora da Soledade está localizado chama-se Batista Campos, homenagem ao líder intelectual do movimento Cabano João Batista Gonçalves Campos, também conhecido como Cônego Batista Campos (1782-1834), que estava enterrado na cidade de Barcarena-PA e cuja ossada foi transferida para o Memorial da Cabanagem em 1985 e, posteriormente, retornou para a cidade de Barcarena, onde descansa na Igreja Matriz da cidade. Em 1904, foi inaugurada uma praça próxima ao Soledade em homenagem a este líder que dá nome a um dos chamados bairros nobres de Belém na atualidade.

onerosos e cobiçados situavam-se às margens das alamedas centrais, cuja visibilidade era indiscutível. Além disso, estes espaços eram destinados àqueles que podiam pagar por uma certidão de concessão perpétua, ou seja, um patrimônio que como outro qualquer pode ser passado de geração para geração. Os locais menos nobres, situados nas extremidades do espaço interno ou nas quadras transversais eram ocupados por jazigos mais simples, de famílias com poder aquisitivo parco, e que normalmente não possuíam a concessão de transmissão daquele patrimônio (Nogueira, 2013, p. 26).

Sendo reafirmado desse modo por Nogueira (2013) onde resume que:

Em linhas gerais, os cemitérios extramuros eram concebidos com traçados reticulares, resultando em uma divisão racional do solo em grandes quadras regulares, seccionadas por grandes alamedas ou pequenas aléas normalmente arborizadas. Geralmente no centro do terreno era implantado o cruzeiro ou uma capela, de onde partia o eixo central da necrópole. Gradativamente estes cemitérios seculares passaram a fazer parte do cotidiano. A população começava a enxergar aquele equipamento com bons olhos, entendendo que aquele local poderia ser solo sagrado, constituindo de fato uma extensão das igrejas, além de meio necessário para a melhoria da qualidade de vida. Entretanto apenas quando a parcela burguesa da sociedade percebeu que aquele novo espaço possibilitaria a espetacularização eterna almejada por essa classe é que os cemitérios foram aceitos e efetivamente utilizados (Nogueira, 2013, p. 26).

Ainda que esteja analisando cemitérios fora de Belém, esta estrutura é semelhante a adotada no Cemitério da Soledade, no qual existem grandes lápides e esculturas próximas à alameda principal que conduz à capela presente na direção da entrada do cemitério e os fundos e as periferias do cemitério oferecem menos *'glamour'* e mesmo covas de uso coletivo, dado o número elevado de mortos e urgência em impedir ainda mais a disseminação das doenças que vinham dizimando a população no período.

Passados diversos anos, desde sua fundação e desativação para sepultamentos, tornou-se um lugar que povoa várias gerações do imaginário popular paraense e funcionando como campo santo para diversos segmentos religiosos que podem e devem ser investigados.

Porém, outras manifestações culturais encontraram no cemitério, um espaço para se expressar, caso de góticos e metaleiros¹⁰ que eram vistos constantemente no local, para se reunir, fazer fotos e outros tipos de lazer.

¹⁰ Durante as décadas de 1990 e 2000 eram realizados ocasionalmente no Soledade festivais de rock, nos quais a juventude que gostava de ritmos como o metal, punk rock e grunge iam ao cemitério curtir as suas bandas preferidas, sejam elas autorais ou covers de bandas de outros países.

O que chama a atenção no cemitério do Soledade é que ele fica no centro da cidade, soando como um lembrete de que a morte está sempre presente.

Sendo esta cidade cemiterial, o campo onde se localiza nosso objeto de estudo, é necessário para maior elucidação do leitor a sua localização e o tamanho de seu espaço físico.

O cemitério da Soledade se localiza na Av. Serzedelo Corrêa, 514 - Batista Campos, Belém - PA, entre as ruas, entre a Av. Gentil Bitencourt e Av. Conselheiro Furtado, medindo cerca de 24.000m², conforme a disposição da Figura 01 abaixo:



Figura 01: Parque Cemitério Nossa Senhora da Soledade

A- Visão aérea do cemitério da Nossa Senhora da Soledade; B- Localização no mapa de Belém

Fonte: Google maps.

Notadamente, Belém cresceu ao redor do cemitério, o que pode ser afirmado pela presença de prédios, feirantes em suas laterais, pontos de ônibus que passam por ele, casas residenciais, escritórios e outros tipos de ocupação do espaço e servindo como ponto de referência e tipos de consumo diversos, como mencionados anteriormente e agora passa pelo processo de turismo cemiterial e segue com seus cultos populares diversos em seu interior.

3 DEVOÇÃO CEMITERIAL

A devoção cemiterial possui alguns elementos recorrentes, em seus diversos tipos de culto a santos presentes em suas manifestações, a partir da definição de Santos e Maia (2008) que defendem que:

O culto a pessoas mortas, chamados “santos de cemitério”, “almas milagrosas” ou ainda “mortos milagrosos”, entre outros termos, é conhecido em várias cidades do mundo e caracteriza-se por alguns traços constantes: a atribuição de poderes especiais de interseção na vida dos mortais seria o mais notório, bem como o estabelecimento de narrativas míticas em torno da vida do personagem, do protagonismo dos indivíduos devotos – e não das instituições religiosas – no desenvolvimento de práticas de culto, e a profunda relação das devoções ao espaço do cemitério e, principalmente, ao túmulo onde estão enterrados – que é transformado na principal referência mística. Freitas chama a atenção para um outro aspecto da questão: diferente dos mortos “comuns” que do mesmo modo recebem visitas e homenagens de sua família, os santos de cemitério são de domínio público, “mortos públicos”, em contraposição aos “mortos privados” (Santos; Maia, 2008, p. 04-05).

Logo, estes mortos ‘santificados’ extrapolam metafisicamente a morte do corpo e a esfera familiar do luto, além disso, não são meras visagens¹¹; são entidades espirituais, tanto quanto os santos ‘oficiais’ da igreja católica e outras entidades presentes no imaginário e crenças populares amazônicas.

Entende-se, portanto, que o Cemitério da Soledade, apresenta características semelhantes a outras necrópoles brasileiras que são controladas simbólica e ritualmente por diversas representações e temas oriundos em esferas distintas da sociedade, indo além de doxas religiosas unilaterais (Calavia Sáez, 1996) e sim uma hibridização ou amálgama de elementos pluriculturais (Canclini, 2011).

O culto aos Santos Milagreiros não é exclusividade no ambiente. Durante as visitas ao cemitério, após ‘flanar’ (Pettonet, 2008) pelo ambiente foram encontrados elementos de cultura material, que podem ser associados com alguma ramificação de religiões de matriz africana, a partir do arcabouço teórico deste pesquisador. Porém, reserva-se responsabilmente a sugestão de que haja a devida investigação desses elementos antes de associá-los a quaisquer grupos que sejam. O único objetivo do autor, no

¹¹ Aparição que se manifesta por vultos, barulhos ou movendo objetos que é bem presente no imaginário Amazônico (Monteiro, 2000).

momento, é apontar que há produção de cultura material diferente da encontrada nas lápides dos Santos Milagreiros e portanto, faz-se lógico inferir que se trate de outra(s) manifestação(ões) religiosa(s) que compartilham o mesmo santuário, atribuindo à ele seus próprios significados, iniciados de outra perspectiva.

Dentre os elementos encontrados no cemitério, foram verificados restos de animais, como penas de galinha e outras partes desmembradas. Mesmo com ausência do prato, no chão foi possível verificar restos de farofa, velas derretidas e garrafas de bebida alcoólica.

Nesse aspecto, o Cemitério da Nossa Senhora da Soledade, torna-se além de um campo devocional, um espaço de disputa, que possivelmente resulte em hibridismos (Sousa, 2012; Canclini, 2011; Hall, 2003) e sincretização (ou não) de elementos, símbolos e significados entre forças sociais. Reforça-se que tais forças buscam perpetuar sua história e memória através de rituais a entidades espirituais como expressão identitária (Thompson, 2019).

Esses cultos distintos coexistem, portanto, reforçando a investigação proposta. Um ponto de partida pode ser a análise de rituais umbandistas que são realizados no cemitério Santo Antônio, localizado em Vitória-ES (Thompson, 2019). A autora explica que no referido cemitério (Santo Antônio) os rituais ocorrem em três espaços: os portões, lápides e cruzeiro das almas. Ainda afirma que estes rituais geram cultura material a partir de velas, restos de animais e outros elementos. Assim, pode-se perceber semelhanças na produção de cultura material encontrada durante a produção desse artigo e podemos concluir que o Soledade também se apresenta para estas manifestações como calunga pequena¹², reservando suas particularidades do uso do espaço.

Entre os devotos das almas no Soledade pôde-se reafirmar o que foi apresentado por Souza (2014):

O entrar, permanecer e sair do Soledade não está ligado ao simples fato de frequentar determinado ambiente, mas constituem partes de um ritual praticado, principalmente pelo público motivado por devoção. O sinal da cruz é o ato mais presente nos momentos de entrada e saída, inclusive dos não devotos, contudo outros comportamentos são dignos de registro: Benzer-se várias vezes até a chegada ao cruzeiro; coordenar a oração com um movimento ininterrupto e alternado de braços que se elevam um pouco acima da cabeça; manter-se com o olhar de contemplação em direção ao tumulo do santo e estar, visivelmente,

¹² Espaço onde se manifestam cultos umbandistas, neste caso o cemitério (Thompson, 2019, p. 04-10).

em outro lugar que não ali; manter-se com uma ou com as duas mãos encobrindo o rosto; manter-se com um dos braços elevados em direção ao cruzeiro ou ao tumulo do santo; oferenda de velas, água, pão, bolo, refrigerante, bombons, pipoca, fitas, vestuário, brinquedos, placas de agradecimento, elementos de representação religiosa como os terços, os santinhos de papel, fotografias [...] (Souza, 2014, p. 67).

No entanto, outros elementos parecem ter diminuído, pois ainda que observados em seus frequentadores e sendo traços evidentes, não foram vistos com grande frequência, como por exemplo: sair do Cemitério da Soledade andando de costas para a rua e fazendo o sinal da cruz acompanhado de uma pequena inclinação de tronco ou mesmo realizar o bater de palmas tanto do lado direito quanto do lado esquerdo do pórtico de entrada do Soledade (Souza, 2014), produzindo novas formas de comportamento devocional no Cemitério.

4 O QUE É UM SANTO MILAGREIRO?

O desencarne destas pessoas atribuiu-lhes algo além da morte material e o luto de seus familiares, e passaram a ser os ocupantes mais ilustres do cemitério. Objetiva-se, no entanto, compreender as características que são comumente atribuídas em vida, ou pós-vida aos que se compreendem por 'santos', sejam estes passados por canonização da Igreja Católica ou não, sem que haja limites claros ao que é institucional ou não, desta entidade (Andrade, 2008).

Andrade (2008) entende que, os Santos, beatificados e canonizados oficialmente, servem à igreja no objetivo de estabelecer modelos de conduta e centrados na fé cristã, porém, há também a perspectiva dos devotos e, a partir desta perspectiva, entende-se que a grande maioria dos cultos aos Santos está pautada na narrativa de sua morte em sofrimento, seja esta, por doença ou morte violenta sem que passe necessariamente, pela adesão à fé cristã.

A autora defende que a relação sofrimento/santidade é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação presente no sofrimento, percepção semelhante à de Maués (2011) ao analisar os santos populares na região amazônica, onde cita os Santos cultuados no cemitério de Nossa Senhora da Soledade e afirma que o elemento comum para a canonização destes indivíduos foi o sofrimento na vida e/ou morte que tiveram.

Se considerarmos esse elemento em comum, para a canonização dos Santos Milagreiros, justifica-se que o menino Zezinho tenha recebido essa ‘graça’ dada a sua morte trágica em tenra idade.

Conforme afirma Maués (2011), Zezinho foi morto por maus tratos e passou a ser invocado em socorro de crianças que são espancadas e assassinadas. Ainda que a origem de sua morte e canonização sejam nebulosas, o elemento do sofrimento não desaparece, seja na narrativa na qual faleceu por pneumonia (Netto; Souza, 2017), ou por espancamento.

Para fixarmos tal compreensão seguiremos com a afirmação de Andrade (2008) que defende que a única forma de uma criança se tornar santa para o cânone formal da Igreja Católica é a morte via sacrifício, suportar uma dor extremamente intensa, na qual tenha demonstrado coragem e determinação, o que pode acontecer em três circunstâncias: uma doença grave, uma morte violenta e/ou sob tortura. Esta ideia, expandida ao cânone informal, produz novas narrativas hagiográficas (Soares, 2019) acerca destes Santos Milagreiros e possibilita diferentes versões desse imaginário, com o passar do tempo.

Inferre-se, portanto, que as pessoas ‘comuns’, as mais acostumadas ao sofrimento cotidiano, podem adotar ‘Santos Milagreiros’ que passaram por dores imensas em vida, mas com sua morte, superaram as dores da carne tornando-se ‘vivas’ em Espírito e assim como na canonização formal, são intercessores entre o mundo material e o mundo espiritual para que os vivos recebam a graça de Deus, através de seu envolvimento na causa do devoto (Santos; Maia, 2008).

Expandindo a compreensão do ‘Santo mártir’ (Andrade, 2008) é possível perceber no Cemitério da Soledade, a existência de símbolos comuns a outros cemitérios onde há culto aos Santos Milagreiros que ficam evidentes principalmente nas devoções: Desigualdade racial evidenciada na mitologia de preto-velhos e ex-escravizados milagreiros (Soares, 2019; Calavia Sáez, 1996) a exemplo da Preta Domingas, outra Santa que compõe o ‘culto das almas’ no Soledade, a qual pode-se inferir acerca de violência doméstica e o feminicídio. Tratando-se de Zezinho e do Menino Cícero, pode-se refletir acerca da mortalidade infantil e/ou prematura e maus-tratos (Soares, 2019; Scheider, 2001; Calavia Sáez, 1996; Frade, 1987); ressalta-se que, ainda que

semelhantes, esses símbolos carregarão consigo, particularidades do contexto social onde estão inseridos.

5 MENINO ZEZINHO

As informações sobre Zezinho, seja, a vida, a morte, ou, vida pós-morte, se contradizem bastante e variam entre os relatos: alguns populares afirmam que ele faleceu em decorrência de maus-tratos (Maués, 2011) outros afirmam que foi de pneumonia (Netto; Souza, 2017) O elemento comum entre as narrativas é sua morte precoce.

A narrativa mais comum da sua canonização, nos diz que o pequeno Zezinho apareceu em sonhos para sua mãe, pois estava enterrado de bruços e, assim, não podia alcançar o descanso eterno.

A partir desses sonhos, muito intrigada, a mãe partiu na tentativa de desenterrar a criança e mudar sua posição, gerando enorme comoção e correntes de oração poderosas. Quando abriram o caixão, a criança de fato estava de bruços e as pessoas entenderam que a relação dele com a sua mãe transcendeu a condição humana ao aparecer em sonhos (Netto; Souza, 2017; Damasceno, 2023) e, portanto, atribuíram-lhe esse posto de 'intercessor divino' pois foi a criança teve um espírito que superou a morte.



Figura 02: O Menino Zezinho e os ex-votos.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2024.

O túmulo do pequeno santo é localizado próximo à entrada do cemitério da Soledade e, partir desse elemento, dada a organização tumular do cemitério, podemos inferir que Zezinho veio de uma família com poder aquisitivo considerável. No entanto, sua manifestação enquanto Santidade transcendeu classes sociais e abrange pessoas de diferentes níveis sociais que buscam suas graças, conforme é percebido na figura 02, acima, quando vemos o túmulo com os seus ex-votos.

Não é incomum que, às segundas-feiras, os 'devotos das almas' estejam lá cumprindo promessas e peregrinações em uma forma de catolicismo informal, imbuído de outros elementos que compõem o imaginário popular de Belém.

As graças atribuídas ao pequeno Zezinho são as mais diversas, porém, destacam-se dentre os relatos que ele é protetor das crianças, promovendo curas de doenças, aprovação em anos escolares, partos saudáveis e mesmo localização de crianças desaparecidas.

Como consta o relato no blog 'Belém de arrepiar' em que uma avó relata que pediu para a sua neta, até então perdida no mercado Ver-o-Peso, fosse encontrada e o menino Zezinho manifestou-se, segundo o relato, sinalizando o número cinco com seus dedos infantis e em seguida desaparecido; tão logo, soaram as cinco horas da tarde, a menina foi encontrada bem e com vida, reafirmando seus poderes como um intercessor direto com Deus.

Além disso, assume-se que Zezinho é o guia de alma de crianças que tiveram uma morte precoce e/ou violentas, uma vez que este mesmo agonizou e sofreu antes de morrer, para que possam encontrar a paz no mundo espiritual.

Estima-se, no entanto, que a crescente popularidade de Zezinho, seja um pouco tardia comparada aos seus 'companheiros' milagreiros. Anteriormente, os túmulos mais visitados eram os de Raimundinha Picanço, Preta Domingas e Menino Cícero (Monteiro, 2000). Zezinho, no entanto, surge com mais força devocional um pouco depois destes com um crescimento acentuado de oferendas a partir de 2006, período onde se instalou até mesmo uma grade proteção para que fossem reduzidos o acesso à sepultura do pequeno Santo Milagreiro (Rodrigues, 2014; Damasceno, 2023).

As dinâmicas entre os devotos e o menino Zezinho podem ser compreendidas a partir da dádiva, o dom e o contra-dom (Castro, 2016; Mauss, 2016), no qual há troca de ‘votos’ entre devotos e o santo, expressas em grande parte por orações (rezas) decoradas ou espontâneas para a causa que se quer alcançar.

Nota-se também, que a cultura material (Gomes, 2015; Miller, 2013) produzida nesse culto se baseia no uso de velas, durante o processo de solicitação da graça e a colocação de ‘ex-votos’¹³ (Santos; Maia, 2008) ao redor do santo, que podem ser diversos objetos, porém, tratando-se de uma criança santificada, os mais comuns são brinquedos, bombons e refrigerantes quando certa graça é alcançada.

Dessa forma, podemos compreender que as dinâmicas predominantes são semelhantes à afirmação de Costa (2010):

No culto a esses mortos consagrados como santos, os devotos estão manipulando símbolos que podem lhes proporcionar um maior contato com aqueles que julgam poder ajudá-los nos seus problemas de saúde; só que, neste contato com as energias de seres espirituais no campo ritual há a necessidade de constante negociação. Aqui, estamos no campo das trocas, ou seja, da prática consolidada pelo catolicismo popular (mas que na atualidade não se restringe apenas a ele) de dar e receber, que é tão notório em nossa história, na relação entre devotos e seus santos e santas, desde o Brasil Colonial (Costa, 2010, p. 58).

Há certa curiosidade sobre pequenas fitas que são as mesmas do Círio de Nazaré que são amarradas nos pulsos da estátua e terços em seu pescoço ou braços. Durante uma das visitas, uma interlocutora, através de uma conversa informal, nos indicou o uso das fitas amarradas nos braços da estátua:

[...] essas fitas aí são usadas em pedido mais longo às vezes, assim como faz na fita antes de amarrar no Círio. A gente faz três pedidos, sendo um para cada nó e assim que arrebentar, os pedidos serão atendidos. Depois do círio é comum colocarem essas fitas, normalmente para tratamento de saúde mais longo ou alguma coisa que a pessoa quer muito (sic).

¹³ Ex-voto é, em geral, um objeto relacionado à “graça” alcançada, podendo ser algo do uso pessoal do devoto – como uma muleta, um caderno, uma peça de roupa, algo adaptado para exercer a função, como uma boneca para representar o desejo atendido de uma gravidez, ou algo especialmente fabricado para esse fim, como no caso dos membros de cera, barro ou madeira, representando partes do corpo humano. Simbolicamente, o ex-voto é um poderoso elemento de testemunho entre o devoto e o seu intermediador espiritual, aquele que, não pertencendo mais ao mundo físico, alcançou posição especial junto à Deus e que pode intervir na vida dos mortais.

As manifestações do 'Hau' (Castro 2016; Mauss, 2016) que se apresentam no soledade, constituem uma dimensão simbólica singular para a adoração do menino Zezinho e pode estender-se aos demais milagreiros presentes no cemitério da Soledade em Belém.

Foi percebido também muitos gestos de carinho de alguns devotos enquanto interagiam com Zezinho, beijando e acariciando seus pés e mãos e usando termos como 'anjinho', 'pequeno anjo' e 'meu filho' acompanhadas de lágrimas dos mais sensíveis. Sendo a relação destes devotos com o santo tão íntima quanto uma relação familiar entre mãe e filho.

Outro detalhe curioso é que durante as visitas, em sua ampla maioria os devotos que visitaram Zezinho com maior frequência eram mulheres e idosas, porém, não é possível afirmar que esse grupo social mantém estas características frequentemente ou se há apenas o envelhecimento de membros que aderiram na juventude, como o caso de poucos adolescentes que acompanhavam de longe os familiares mais idosos.

Essa intimidade exposta entre os devotos e Zezinho, facilmente nos proporciona a conclusão que a devoção transpõe os portões do cemitério e se manifesta no cotidiano dessas pessoas. É fácil de se presumir que em momentos de perigo, dificuldade ou outros anseios, evoquem este santo milagreiro como ponto de ajuda. Até mesmo uma vela acesa para o pequeno milagreiro em alguma parte das suas residências pode reforçar esse vínculo.

Durante as conversas com uma outra interlocutora, ela afirma que há um grupo fixo de devoção das almas, observação esta, que reafirma o que foi observado por Monteiro (2000), na qual estes devotos seguem todas as segundas-feiras ao cemitério para a novena das almas, mesmo que seja apenas para acender as velas para que as almas encontrem a luz e sem pedir nada em troca.

Durante a pesquisa, não foi visto um grupo grande e fixo durante as visitas ao túmulo, apenas devotos intercalados, alguns com membros da família, outros sozinhos e grupos pequenos de dois ou três membros, o que sugeriu à época da pesquisa que as visitas em grupo devocional ocorram logo cedo pela manhã, horário em que o pesquisador não pôde comparecer ao local da pesquisa ou tenha se dissipado. A

resposta dessa pergunta foi encontrada ao retomar as leituras do tema, dentre estas havia a afirmação de Souza (2014):

[...] segundo o Reverendo Diácono Raimundo Brito, responsável pela capela existente dentro do cemitério, nos dias de segunda feira são realizadas duas celebrações na capela uma as 06:00 horas da manhã e outra às 06:00 horas da tarde podendo haver alguma, pequena, variação nestes horários. (Souza, 2014, p. 67).

No Dia de Finados, durante a visita ao local feita por este pesquisador, foi possível verificar altas chamas e um forte odor de velas queimando nas diversas piras espalhadas pelo Soledade e ex-votos aos pés do túmulo do pequeno milagreiro, assim como toda a sorte de objetos que foram descritos acima, além de ramos de rosas brancas já ressecadas pela ação do tempo e cera de vela endurecida ao redor do túmulo.

Diante dessas evidências, pode-se supor que mesmo que muitas oferendas tenham sido colocadas no Dia de Finados, o culto regular, feito às segundas-feiras é o que tem se mantido com mais frequência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS - UM CULTO EM RESISTÊNCIA

O Cemitério Nossa Senhora da Soledade é um objeto riquíssimo cheio de camadas e possíveis recortes. Assim, alguns pesquisadores que também se encantaram com este enigmático espaço, escreveram sobre diversos aspectos do cemitério, tais quais: A presença do culto das almas (Monteiro, 2000), A organização tumular e memórias presentes no local (Rodrigues, 2014) e seu projeto de musealização a céu aberto que surgiu após longo período de descaso do Poder Público (Rodrigues; Silva; Santos, 2023) e o ‘consumo’ patrimonial do Cemitério por frequentadores assíduos ou ocasionais do lugar (Souza, 2014). Para este último item, é necessário compreender que há preocupação no termo ‘consumir’ e para esclarecer sua perspectiva, Souza afirma que:

Pensar o consumo no contexto do patrimônio edificado e/ou o monumental, como no caso do cemitério da Soledade, se configura como uma tarefa bastante complexa no sentido de que não podemos conceber algum desses patrimônios em uma relação de compra e venda. O consumo aqui verificado consiste no fato

de uma apreensão, a partir do acesso, por parte do indivíduo frequentador, assíduo ou ocasional, destes lugares. Depende ainda, da qualidade do que foi apreendido, pois, reside nesta relação uma espécie de reciprocidade onde o indivíduo tanto recebe quanto deixa impressões no patrimônio. (Souza, 2014, p. 42).

Assim, entendemos que há pluralidade no significado que ‘consumo’ possa sugerir. Para este artigo, seguimos a compreensão de que ‘consumo do espaço’ serão quaisquer impressões que os indivíduos deixaram e/ou deixam no cemitério a partir de sua presença, pois as impressões que o cemitério causa nestas pessoas e as impressões que elas levam consigo a partir daquele espaço, aquele anteriormente entendido como ‘não-lugar’ (Augé, 2002) e agora como espaço de consumo turístico fomentado a partir da requalificação do Soledade em 2023, ampliando as dimensões possíveis e coexistentes no Soledade, como: praça cemiterial, campo devocional, preservação de memória (individual e coletiva), histórico, museológico e turístico. Sendo um espaço para produção de capital social.

Assim, podemos entender que o consumo dos frequentadores mais assíduos, se refletiam na manutenção do cemitério foi feita por muito tempo por estes populares que usavam esse espaço e da cultura material produzida como parte de sua identidade sociocultural (Miller, 2013) (antes do restauro). Ainda que houvesse turistas consumindo o espaço, seu número era bem reduzido devido a ausência de manutenção no local, mesmo sendo patrimônio tombado pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1964.

O poder público normalmente se manifestava durante o Dia de Finados, uma vez que, neste feriado, a prefeitura municipal promove um mutirão de limpeza anual para que ocorram as visitas aos túmulos neste feriado, por vários cemitérios espalhados pela cidade, ainda que o foco maior seja o cemitério de Santa Isabel no qual existem muitos jazigos familiares e ainda está ativo para o sepultamento.

O cemitério da Soledade por sua vez, possui seu próprio grupo de frequentadores, são diversas manifestações além da religiosidade presente ali conforme exposto acima.

O cemitério que já foi palco de gravação de videoclipes de uma banda de rock e há uma antiga banda de heavy metal em Belém que referencia o nome popular do cemitério, removendo apenas letra ‘E’, a banda ‘Soledad’¹⁴.

¹⁴ Banda natural de Belém formada em meados de 1996.

Percebe-se dessa maneira que o imaginário produzido por este cemitério vai além das crenças e devoções propriamente ditas, tornando-se o próprio (cemitério), um personagem que perpassa por diferentes níveis sociais e diferentes manifestações, um organismo vivo (mesmo que abrigue mortos) no seio de Belém.

Durante o seu processo de requalificação, notou-se que o cemitério diminuiu parte de seu ar de mistério e ‘coisa antiga’ para um local mais ‘limpo’ e voltado para o turismo. Vale ressaltar que foram restauradas na primeira etapa 126 estruturas da arquitetura mortuária entre túmulos, mausoléus e o cruzeiro. Segundo informado pela SECULT – PA, mais de 44 mil pessoas visitaram o agora chamado ‘Parque Cemiterial da Nossa Senhora da Soledade’ durante o primeiro de restauro. A requalificação do espaço ocorreu em parceria com o Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação da Universidade Federal do Pará (LACORE/UFPA). Ainda de acordo com a SECULT-PA, as obras no antigo cemitério da Soledade receberam um investimento de aproximadamente R\$ 16 milhões de Reais e passaram a constituir o patrimônio turístico e cultural de Belém.

Prova concreta desses investimentos no turismo foram percebidos durante as visitas. Não foi incomum ver a presença de turistas que posavam ao lado dos túmulos para realização de *selfies* e outras postagens para redes sociais e mesmo registros de viagem, casais namorando e tomando sorvete, crianças correndo pelo cemitério. Há amplo fomento do governo do estado para o consumo turístico do espaço, conforme a programação abaixo, presente na figura 03, abaixo:

Parque Cemitério Soledade: A celebração da memória

Terça, 30/05/2023

08h30

Parque Cemitério Soledade - Av. Serzedelo Corrêa, 514 - Batista Campos, Belém - PA, 66033-265, Brasil

Feira / Congresso / Encontro / Festival, Outros (Presencial)

Logos: DPHAC, UFPA

Figura 03: Cartilha “Parque Cemitério Soledade: a celebração da memória.
Fonte: SECULT-PA, 2023.

Notar esse tipo de consumo, dividindo esse espaço com os devotos das almas gera um contraste que soa dissonante ao local, ainda que com o tempo, as pessoas possa ‘acostumar-se’ à esta coexistência, há chances reais de que o culto das almas diminua ou possa desaparecer em meio à modernidade e o afastamento do povo por meio de políticas ‘higienistas’ que lapidam esse acesso como as grades colocadas ao redor do túmulo de Zezinho para diminuir o acesso ao Santo e evitar que fosse ‘danificado’ (Rodrigues, 2014), presentes na figura 04 abaixo, mas que foram removidas no restauro, o que sugere esse novo de tipo de público no local, com anseios inclinados ao turismo e não devocional.



Figura 04: O Menino Zezinho ao longo do tempo.

A - Zezinho Cercado por oferendas e grade de proteção (Rodrigues, 2014) / IPHAN-PA (2006). B – Zezinho no Dia de Finados (Pesquisa de Campo, 2024).

Fonte: A – IPHAN, 2006; Rodrigues, 2014. B - Pesquisa de Campo, 2024.

Desta forma, resta a nós, pesquisadores das ciências sociais, registrar essas vozes e crenças que são riquíssimas e parte valiosa da cultura nortista para que resistam e que, caso desapareçam saibamos que existiram, ou servindo como ponto de partida para outros pesquisadores que busquem esse mesmo tema futuramente com novos elementos e outras ramificações possíveis.

7 REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo, SP: Papirus/Travessia do Século, 2002.
- AMARAL, Juliana. **Parque Cemitério Soledade completa um ano de funcionamento nesta quinta-feira, 11.** Jan, 2024. Disponível em: <https://secult.pa.gov.br/noticia/1697/parque-cemiterio-soledade-completa-um-ano-de-funcionamento-nesta-quinta-feira-11>. Acesso em 04 Fev. 2025.
- AMARAL, Juliana. **Secult lança cartilha “Parque Cemitério Soledade: a celebração da memória” nessa terça-feira (30).** Mai, 2023. Disponível em: <https://www.secult.pa.gov.br/pauta/70/secult-lanca-cartilha-parque-cemiterio-soledade-a-celebracao-da-memoria-nessa-terca-feira-30>. Acesso em 04 Fev. 2025.
- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. **Projeto História**, São Paulo, n. 37, p. 237-260, dez. 2008.
- BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: Universidade Federal do Pará, 2004. 354 p. (Coleção Eduardo Galvão).
- BLOG SOLEDADBELEM. Release Soledad.** Disponível em: Banda Soledad: BIOGRAFIA, 2011. Acesso em 04 de Fev. 2025
- BLOGSPOT BELÉM DE ARREPIAR.** O menino Zezinho trouxe minha neta. Nov. 2015. Disponível em: <http://belemdearrepiar.blogspot.com/2015/11/o-menino-zezinho-trouxe-minha-neta-de.html>. Acesso em 14 jun. 2023.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Fantasmas Falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. Ídolos, mitos e lendas: sobre a interpretação da iconografia católica. *In*: ANDRADE, S. R.; MANOEL, I. A. **Identidades religiosas**. Franca: Civitas Editora, 2008.
- CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os santos podem fazer pela Antropologia? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, 2009, p. 198-219.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2011.
- CASTRO, Celso. Mauss, a dádiva e a obrigação de retribuí-la. *In*: CASTRO, Celso. **Textos Básicos de Antropologia**: cem anos de tradição. Rio de Janeiro, RJ: ZAHAR, 2016. p. 82-92.
- COSTA, Eden Moraes da. De médico e santo popular: a devoção ao doutor Camilo Salgado em Belém do Pará. **Revista Estudos Amazônicos**, Vol. V, n. 2, 2010, p. 47-73
- DAMASCENO, Laiana. Conheça a lenda da Criança Milagreira do Cemitério da Soledade. **Roma News**. 08/01/2023. Disponível em:

<https://romanews.com.br/cidades/conheca-a-lenda-da-crianca-milagreira-do-cemiterio-da-soledade-assista/>. Acesso em 14 jun. 2023.

FRADE, Maria de Cascia dos Nascimento. **Santo de Casa**: a devoção à Odetinha no cemitério São João Batista. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

GOMES, Rafael Velasquez Tonasse. Resenha de: Trecos, Troços e coisas: Estudos antropológicos sobre a cultura material. **Revista Antropolítica**, n. 38, Niterói, p. 377-381, 1. sem. 2015

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

LEÃO, Richard Douglas Coelho. Dois lugares, dois momentos: Um olhar sobre o Cemitério de Santa Izabel de Belém do Pará e o Cemitério de São Bento em Araraquara – SP. XVI Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP-FCLAr. **Anais...** Araraquara, SP: Unesp, 2016.

LEÃO, Richard Douglas Coelho; LEÃO, Jonathan Alberto dos Reis Pantoja. A representatividade social e urbana do cemitério de Santa Izabel em Belém do Pará a partir das visitas no Dia de Finados. **II Encontro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens** (ELAEPIC), Imperatriz - MA, 2021.

MARTINS, Rebeca Junior Cardoso. “A terra te seja leve”: a construção do cemitério da N.S. da Soledade em Belém (PA) (1840-1856). **VI Seminário de História e Historiografia**, Fortaleza – CE, 2020.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Norte Ciência**, v. 2, n. 1, p. 1-26, 2011.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro, RJ: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

MONTEIRO, Walcir. **Visagens e Assombrações de Belém**. 3ª ed. rev e atual. Belém, PA: PMB SEMEC/MOVA, 2000.

NETTO, Hélio Figueiredo da Serra; SOUZA, José Leandro de Gomes. Moradas eternas, morada dos vivos: um olhar sobre o culto dos mortos no cemitério da Soledade. *In*: MENDONÇA, Kátia et al. **Sob as asas do mistério: ensaios sobre o imaginário**. Belém-PA: CEJUP, 2017. p. 24-68.

NOGUEIRA, Renata de Souza. **Quando um cemitério é patrimônio cultural**. 126f. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói (RJ), n. 25, 2. sem. 2008, p. 99-111.

RODRIGUES, Elisa Gonçalves; SILVA, Leonardo de Souza; SANTOS, Diogo de Siqueira Bendelak dos. O desprezo pelo Estado nas perspectivas sobre o Cemitério da Soledade em Belém-PA: uma análise à luz da Antropologia das Emoções. **Equatorial-Revista do**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 10, n. 18, p. 1– 25-1– 25, 2023.

RODRIGUES, Paula Andréa Caluff. **Duas faces da morte**: o corpo e a alma do Cemitério Nossa Senhora da Soledade, em Belém/PA. 2014. 425f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural). IPHAN, Rio de Janeiro-RJ, 2014.

SANTOS, Fabiane Vinente; MAIA, Jean Ricardo Ramos. Hagiografia de cemitério: História Social e Imaginário religioso nas canonizações populares em Manaus. **Os Urbanitas**, São Paulo, v. 5, 2008.

SCHEIDER, Marília. **Memória e História**: Antoninho da Rocha Marmo. São Paulo, SP: T.A. Queiroz/Fapesp, 2001.

SOARES, Hugo Ricardo. Narrativas hagiográficas e devoção aos santos: notas sobre a (re) produção simbólica da santidade nos cemitérios. **Religião & Sociedade**, v. 39, p. 36-59, 2019.

SOUSA, Leila Lima de. O processo de hibridação cultural: prós e contras. **Revista Temática – UFPB**, Ano IX, n.03, p. 1-8, Março/2012.

SOUZA, Afonso Maria de Ligório Souza. **O cemitério da Soledade e o consumo do patrimônio cultural**. 82f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2014.